



Artigo

Ricardo Ghzi Corniglion*

Perspectivas de (outra) guerra no Oriente Médio

O programa nuclear iraniano desponta como uma das questões internacionais mais preocupantes desta década

De todos os focos de tensões internacionais da atualidade com capacidade para se converter em conflito armado, aquele relacionado ao programa nuclear iraniano desponta como um dos mais preocupantes desta década. Não somente pela ameaça que representa a posse de armas nucleares por um país geograficamente localizado numa região tão conturbada e conflituosa — o Oriente Médio —, como pelo fato de que duas das maiores potências militares do mundo — Israel e os Estados Unidos — já declararam que a intervenção militar não está descartada, objetivando impedir que o regime dos aiatolás adquira a tecnologia para a sua fabricação.

A bomba atômica, mais de meio século após a sua invenção, ainda é a arma mais poderosa, destruidora e letal já desenvolvida. Apesar de ser considerada uma arma para “não ser usada”, ou

seja, uma arma para dissuadir o inimigo a não atacar, ela permanece como um diferencial de poder decisivo nos arsenais militares das nações que a desenvolveram e que — é importante que se diga — não estão dispostas a dela se desfazerem. Os Estados Unidos, a Rússia, o Reino Unido, a França, a China, a Índia, Israel, o Paquistão e a Coreia do Norte, nesta ordem cronológica, fabricaram a bomba e fazem parte do grupo de países que, com relação à geopolítica, se diferenciam de todos os demais exatamente pela capacidade que têm de ameaçar inimigos com o que há de mais hediondo em se tratando de guerra, ou da ameaça de guerra.

O Irã, governado por uma elite religiosa nacionalista e de caráter fundamentalista, pode estar querendo ingressar naquele grupo por uma série de motivos que justificam, na visão de Tel Aviv, um ataque preventivo às instala-

ções do programa nuclear iraniano. Por enquanto, Israel, apoiado pelos Estados Unidos, tem adotado medidas paliativas que procuram impedir o avanço tecnológico nuclear do Irã. São iniciativas tomadas, supõe-se, por agentes duplos iranianos insatisfeitos com o governo local e que procuram ajudar os israelenses. Entre elas, destacam-se o assassinato seletivo de importantes cientistas nucleares iranianos nos últimos anos, a contaminação dos computadores da central nuclear de Natanz com o vírus Stuxnet, que danificou centenas de centrífugas usadas para o enriquecimento de urânio, e a venda de equipamentos danificados para a indústria nuclear iraniana, por meio de agentes disfarçados de comerciantes deste tipo de maquinário. Essas iniciativas de Israel demonstram que o país não acredita que as sanções econômicas e comerciais ao Irã, decretadas pelo

Conselho de Segurança da ONU, sejam capazes de reverter o rumo que a nação iraniana provavelmente está tomando.

A desconfiança em relação ao regime dos aiatolás e a pressão israelense por um ataque conjunto com as forças norte-americanas podem iniciar uma guerra de consequências imprevisíveis, embora a reeleição do presidente Barack Obama tenha sido fundamental no sentido de prolongar as negociações com Teerã em torno da questão. Para Israel, localizado a apenas mil quilômetros a oeste do Irã, cujos dirigentes vivem apregoando que riscarão o Estado judaico do mapa, a questão é crítica e exige uma resposta à altura. Entretanto, Israel sabe que o engajamento militar dos Estados Unidos na operação é fundamental, uma vez que navios e submarinos americanos poderiam realizar boa parte do ataque a partir do Golfo Pérsico, com mísseis

teleguiados, ao passo que Israel teria de fazer-lo com aviões de ataque, necessitando, assim, de vencer os países limitrofes que o separam geograficamente do Irã, no sentido de autorizar o uso do seu espaço aéreo. Para atacar o Irã pelo norte, precisaria sobrevoar o território da Turquia, que poderia não permitir-lo, evitando ser arrastada para o interior do conflito; pelo oeste, Israel necessita da autorização da Jordânia e do Iraque; e pelo flanco sul, precisaria do aval da Arábia Saudita, o que não é de todo impossível, mas diplomaticamente complicado do ponto de vista dos sauditas.

O terceiro teste nuclear realizado pela Coreia do Norte, em fevereiro de 2013, bem como a manutenção dos arsenais atômicos mantidos pelos Estados nuclearmente armados, não contribuíram para as vozes que defendem um mundo desnuclearizado. No caso espe-

cífico do Irã, a questão adquire contornos mais preocupantes, considerando o desejo que o regime dos aiatolás tem de se afirmar nas relações internacionais. A história comprova que nações em busca de afirmação internacional tendem a desestabilizar o cenário internacional, geralmente levando a guerras. Foi assim com a França revolucionária de Napoleão e com a Alemanha nazista de Hitler. Espera-se que as negociações retomadas recentemente pelo Irã com as grandes potências em torno do seu programa nuclear avançam, apesar de que ganha força a cada dia o argumento segundo o qual Teerã visa ganhar tempo com essas negociações. Certeza mesmo, somente o fato de que este assunto estará no centro das questões internacionais mais preocupantes e importantes desta década. ☉

*Professor do Departamento de Administração

